

O líder é aquele que passa ao seu grupo a confiança de que sabe o que está fazendo, para levar todos ao local onde se responsabilizou por levar. Moisés, que conduziu seu povo por quarenta anos pelo deserto, certamente é o líder mais real, carismático e cumpridor de seu compromisso de que se tenha notícia na história da humanidade.

Fico imaginando, por cada discurso que ouço da presidente Dilma, se fosse ela a responsável por levar o povo para a Terra Prometida. **A história da humanidade, certamente, não seria a mesma.**

Me ocorreu essa comparação dias atrás quando do discurso de Dilma Rousseff num evento do Pronatec (lembra-se, caro leitor, como este nome ganhou exposição exagerada na campanha eleitoral?). Disse Dilma: "não vamos colocar uma meta, deixaremos em aberto e quando atingirmos ela (sic), nós dobraremos a meta."

Ããn? O que isso quer dizer?

Fico imaginando Moisés dizendo para seu povo que não iria parar para descansar porque descansariam em dobro quando a hora de parar não fosse mais aquela em que eles pararam. A caminhada que durou quatro décadas não teria chegado nem ao final do seu primeiro ano.

É exatamente isso o que está em jogo agora. A caminhada de Dilma, prevista para mais quatro anos, está em jogo apenas sete meses depois de iniciada. Não há, até agora, fato com lastro na Constituição, que permita essa avalanche de pedidos de impeachment (impedimento na continuidade do mandato de Dilma). Mas falta habilidade e sobra

Quarenta anos pelo deserto

confusão nas palavras da presidente quando ela tenta explicar por que a conta de energia elétrica subiu ao patamar que subiu (tente dizer a qualquer cidadão comum que o preço foi represado por anos e agora se faz necessário acertar essa conta?), em explicar por que caíram tanto os recursos do Fies, em dizer por que o emprego está em queda livre na indústria.

Falta, ainda, habilidade em dividir o joio do trigo, quando o assunto é a Operação Lava Jato. O cidadão comum não distingue os seus problemas econômicos e financeiros (só sabe que o dinheiro acaba bem antes do final do mês) dos problemas políticos (ferrenha oposição dentro do Congresso) e muito menos dos problemas policiais (prisão por corrupção de empreiteiros que tiveram ao longo dos últimos anos contratos com o governo ou suas empresas). Tudo se mistura. **Todos os políticos viram bandidos. Um juiz (Sérgio Moro) ganha poderes de pop star na mesma proporção em que no passado recente um presidente (Joaquim Barbosa) dos STF (Supremo Tribunal Federal) também ganhou.**

A sensação é a de que o brasileiro vive atrás do seu "salvador da Pátria" e está longe, mas longe demais, de perceber que é ele próprio, com o seu voto, que é o verdadeiro poderoso.

Quando a abertura política já estava consolidada 1985 e novamente um presidente civil assumiu o comando da nação havia a ilusão de que em dez, vinte anos, já estaríamos em um patamar de consciência de cidadania e civilidade bastante acima do que se via naquele instante.

Já se passaram trinta anos e não é possível arriscar quanto mais tempo será necessário para que chegue o dia em que esse poder, o do voto, seja sentido verdadeiramente pelo cidadão.

Os dias de hoje, de ódio e rivalidade exacerbada entre vermelhos e azuis, deixam no ar a esperança de que sejam atípicos. Mas a cada nova prisão na Operação Lava Jato, a cada confuso pronunciamento da presidente, a cada novo ponto na taxa básica de juros, a cada novo posto de trabalho eliminado, enfim, a cada nova desgraça, fica o sabor de que este inverno será longo, intenso e não acabará já (mais).